

# A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

## PARIS

ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg  
Anno. 1884

ANNO. 1884 24 francos

SEXTESIMESTRE 13

Avulso. 1

No resto da Europa 15 francos por trimestre e 50 francos por anno.

1º Anno. — Volume 1. — Numero 9.

PARIS 5 DE SETEMBRO DE 1884

Director : MACHADO PENA

## RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 70, R. do Ouvidor.

Assinaturas

ANNO (CARTÃO) 12.000

SEXTESIMESTRE 6.000

ANNO (PROVÍNCIAS) 14.000

AVULSO 500



ABERTURA DA CAÇA — A COMPANHEIRA FIEL



## UMA EXPLICAÇÃO

Para que não haja a menor dúvida acerca do modo como a *Illustration* trata os trabalhos dos seus colaboradores, vamos aqui explicar — a quem o leitor não conhece — o que este contrato feito com os redactores da *Illustration* em Portugal, para a publicação dos artigos de todos os membros da sociedade, assim como de Carlos, Daudet, Queneau, etc.

Devemos mesmo acrescentar que a *Illustration* é a única revista em português que possui um tal contrato, a única que publica legalmente artigos de escriptores francezes, não podendo portanto ninguém accusar a pelo crime de contrafacção litteraria.

A REDACÇÃO.

## SUMMARY

TEXTO: Chronica, por Mariano Pina. — As Mossas Gravas: A companheira fiel, estampa de George Sand; o negociante d'opium; Cintra desenhada por um inglez; Prazeres de verão; Sent'Anna Nery; o dr. Koch; o cholera em França; Noite de verão. — Nós (poemeo) por Cesário Verde. — George Sand, por Gil-Vicente. — A grã, por J. Miranda. — Bibliographia, por Figaro. — Passatempo. — A noção agencia.

GRAVURAS: Abertura da casa: A companheira fiel. — A estampa de George Sand. — A CHINA: CONTEMPORANEA: Um vendador d'opium. — George Sand. — PORTUGAL: Cintra desenhada por um inglez. — Prazeres de verão. — Sent'Anna Nery. — O dr. Koch. — O CHOLERA EM FRANÇA: Na fronteira franco-italiana. — Noite de verão, composição de Virgílio e Gobin.

## CHRONICA

Hoje que o *Diário da Manhã* de Lisboa é uma cousa totalmente differente do que foi ainda há um anno; hoje que n'aquelle jornal já se pergunta a Pinheiro Chagas, o seu illustre fundador, a proposito d'uma concessão

— Quanto deu o sr. conselheiro Affonso José Braamcamp ao sr. ministro da marinha? A quanto montou a rascagem assadura? Respondam! O escândalo, a ladrocinha estão consummados! Saita champagne frappé para o gabinete do sr. ministro da marinha, o conselheiro chagado!

(D. da Manhã, 15 de Agosto de 1889)

hoje que isto se escreve e se imprime n'aquelle jornal, parece-me interessante fallar na minha chronica do que elle foi e do que elle significou durante os ultimos sete annos na imprensa portugueza.

Meu querido amigo e mestre! — Perdôem-lhes, por que elles não sabem o que escrevem. Quando um homem tem trabalhado, lutado, soffrido e vivido honradamente como o meu amigo... que diabo! — até faz bem que se revelem sentimentos tão pequenos, para melhor podermos avaliar toda a extensão das almas grandes!

Que medonha monotonia que seria a vida, se todos nós soprássemos no trombo do elogio.

Foi a *Medicina de Balaia*, uma das mais bellas promessas da nossa litteratura dramática contemporanea, que me fez aproximar de Cesário Lobato. Estava eu então no *Diário do Commercio*, um jornal que ja

não existe, onde fiz as minhas primeiras armas; e de que ainda hei de fallar largamente mais tarde, quando tiver tempo e apontamentos para traçar um largo estudo do jornalismo em Portugal.

Por essa occasião ainda o *Diário da Manhã* conservava gloriosamente a sua reputação de primeiro jornal litterario do paiz. Pinheiro Chagas, tendo em volta de si um grupo brilhante de collaboradores onde se destacava Guilherme d'Azevedo, o bom amigo e o illustre chronista que hoje descança, n'uma modesta cova, á sombra dos cyprestes de Saint-Ouen, um cemiterio das barreiras de Paris — Pinheiro Chagas conservava o jornal á sua devida altura, sustentando-lhe a gloriosa reputação da unica folha litteraria que existia em Portugal. E era uma honra, como que um diploma de intelligencia, uma carta de recommendação ao publico Illustrado, escrever alguma cousa nas columnas d'aquella folha.

Ainda me lembro da primeira vez que eu ali publiquei o meu primeiro folhetim. D'aquella escada em caracol que conduzia a uma especie de sub-solo, e d'aquella sala de jantar do antigo Marquez de Pombal onde era a redacção do *Diário da Manhã* e onde eu ia ver as minhas provas. D'aquelle orgulho juvenil que me surpreendeu quando pela primeira vez eu vi — Mariano Pina — n'aquelle corpo X que ha tanto tempo me fascinava, que ha tanto tempo ambicionava! Todos que fazem uso d'uma penna teem sentido alegrias iguaes a esta. Futeis talvez — mas que fazem tão bem á alma!

A sala da redacção era vasta, immensa, com um grande meza ao centro, aquella meza onde eu tantas noites trabalhei e onde trabalhei ao lado de Pinheiro Chagas, Guilherme d'Azevedo, Gustavo Lobato, Urbano de Castro, Jayme Baralho, Reis, Fialho de Almeida, Eulhando Caldeira, João Costa, Augusto de Mello e outros que n'este instante não me vêm á memoria. Janelas, brancas e com vidros de cores, produziam fabricas de luzes e de sombras, eram brinçadeiras de luz e de sombra. Ao fundo, n'uma sala, havia um rancho d'antiga mobilia, e n'outra, n'abruçado-se para o lado da igreja do convento de Jesus, havia um jardim — um jardim de flores e de fructos. Cesário Verde vinha aqui, o meu amigo e com o Mello. E aqui, n'uma sala, n'abindo, dominados pela luz e pela sombra, ficavamos boquiabertos diante d'um retrato de Pinheiro Chagas, que se esbranquiçava pouco a pouco em tons de perola d'uma infinita doçura.

Creio não offender ninguém declarando que Pinheiro Chagas é o unico jornalista que existe em Portugal. E da sua força e do seu genero, eu que os vejo aqui bem de perto, como elles trabalhavam e como elles produzem n'este Paris aberto de lendas — eu só tenho, para compatação o nome de Henri Rochefort.

Pinheiro Chagas ha de ser mesmo a primeira pessoa que vai pasmar com o paral-

lelo — elle que ainda vê Rochefort através do véu ensanguentado da Communa. O auctor da *Morgadilha* ao lado do auctor da *Lanterne*! Você está a brincar connosco!...

Ora Rochefort no *Intransigeant* é o primeiro jornalista de Paris. E querem saber porquê? Por que sabe fazer tudo no seu jornal, melhor que todos os seus reporters e redactores especiaes — por que é um jornalista completo.

Arranquem Wolff e Scholl ás suas chronicas mundanas, Vacquerie e Ranc aos seus artigos politicos; tirem com elles para as outras secções d'um jornal — não saberão escrever duas palavras. Enquanto que Rochefort depois de escrever o seu brilhante artigo politico, vai fazer a *reportage* do parlamento, a *reportage* secca e a revista humoristica; o artigo de critica do *Salon*; a critica dramatica; a critica musical; a chronica dos tribunaes; a revista dos jornaes; a chronica mundana; a noticia; a *réclame*; tudo quanto queiram d'elle — e tudo brilhantemente.

É isto mesmo Pinheiro Chagas.

Foi o *Diário da Manhã* o primeiro jornal moderno que se fez em Portugal, introduzindo a *reportage*; repellindo corajosamente o velho systema da informação mandada por um cabo de policia e que se publica na integra com todas as asneiras de grammatica e de bom senso; introduzindo o folhetim e a chronica — jornal querendo seguir as pisadas do *Figaro* parisiense, mas que não ponde ter um largo futuro nem ser, como devia ser hoje, o primeiro jornal de Lisboa, por falta de capital intelligente e d'um administrador habil. E no dia em que apparecer em Lisboa um director intelligente e honesto para fundar uma folha diaria como as ha em Paris — n'esse dia inaugurase o começo d'uma grande fortuna. Por que o publico está farto do *vieux jeu*; d'estes jornaes onde pode haver talento, mas talento que se perde, pela ausencia absoluta d'uma direcção activa, profundamente moderna, que tenha estudado e comprehendido como é o jornalismo em França e em Inglaterra. E no dia em que esse jornal se fizer; no dia em que apparecer o primeiro numero d'um jornal inteiramente novo no formato, no papel, na disposição typographica e na redacção — n'esse dia todo o publico ha de correr para elle, sequioso como está d'alguma cousa em termos!

Essa fortuna e essa gloria ninguém melhor podia possuil-as do que Pinheiro Chagas. Bem sei que elle é um grande orador e um bom dramaturgo. Bem sei que tudo quanto rebenta sob o calor vital da sua intelligencia grande e magestosa. Mas a sua verdadeira organisação é a d'um jornalista — como Rochefort. Estar no seu gabinete a dirigir um bando de bons collaboradores; mandar lhes panhar o assumpto por todos os lados; quando assumpto não ha, inventar o assumpto; onde não ha, inventar a intelligencia dos reporters chegar á sua — e apresentar no dia seguinte a *folha obra-prima* para ser atregada a dez reis, palas ruas d'uma cidade.

A companhia *mel* é uma pessoa. Tanto que é temporânea, e é ao mesmo tempo uma pessoa d'un realismo adorável. Que é mais, é uma dor.



## A ESTATUA DE GEORGE SAND

No último numero da *Illustração* apresentamos a seus leitores a estatua de Diderot, o grande escriptor do século XVIII, inaugurada em Paris no dia 30 de julho.

Não a *Illustração* presta de novo tributo a um grande escriptor, a George Sand, a estatua foi inaugu-

rada no dia 10 d'agosto, em Paris, uma pequena cidade de provincia, onde existem tantas recordações desta mulher que foi uma das mais poderosas individualidades do romantismo em França.

Os livros de George Sand são tão numerosos e tão conhecidos do publico, que escusado será fazer resenha ou noticia. George Sand, assim como Dumas e Hugo, são nomes que passaram a fronteira franceza e que encontraram o mesmo successo e que despertaram a mesma curiosidade não só em toda a Europa, mas em toda a America.

Num rapido artigo do



nosso collaborador Gil-Vicente encontram os nossos leitores algumas notas curiosas. Mas chamamos-lhe especialmente a sua attenção para as nossas gravuras:

— A que representa a estatua, obra do grande escultor Millet, e que foi um dos successos do penultimo Salon de Paris.

— E para o magnifico retrato de Sand, rodeado de pittorescas e delicadissimas allusões ás suas principais obras, composição de Morin, um illustre desenhador francez — retrato executado ainda em vida de George Sand, segundo a ultima photographia que a celebre escriptora tirou no atelier de Nadar.

Eis o que nos pareceu de mais curioso e de mais original apresentar aos nossos leitores no momento em que George Sand é de novo a rainha da actualidade, isto é: no momento em que a Posteridade se apoderou d'este nome que representa um dos mais bellos talentos litterarios do nosso seculo.

A ESTATUA DE GEORGE SAND, inaugurada em Paris no dia 10 d'Agosto.







GEORGE SAND  
EX-ILLUSTRE  
(1844-87)



## O NEGOCIANTE D'ÓPIUM

Não tem sido só os europeus, como também os mais civilizados dos mandarins e ministros do Celeste Império que têm querido combater este abuso terrível do ópio que tanto mal produz na China. Mas o vício é invulso, e a nossa curiosa gravura representa uma dessas lojas de Pekim onde o vendedor de ópio está dividindo em pequenas porções o terrível veneno por que estão anciosos mais duzia de imbecis a quem o vicio dentro em poucos annos hão de aniquillar totalmente.

## CINTA DESENHADA POR UM INGLEZ

Os ingleses adoraram sempre Cintra, a começar em lord Byron. É mesmo o signo de Portugal que elles mais admiram, o que prova que elles não são nem tão tolos, e o que elles mais conhecem. Se elles ainda não admiraram o resto do paiz a culpa não é dos bons viajantes — é dos governos da Portugal que ainda não pensaram, tão enredados elles andam na politica! a tornar accessivel por meio de caminhos de ferro, a todos quantos o visitam, este bello e esplendido paiz onde a natureza é a mais encantadora de toda a Europa.

É de que tipo? Que collecção admiravel de tipos populares que Portugal possui. Olhem para a nossa gravura. A scena não pode ser nem mais simples, nem mais vulgar. Uma fonte e dois carreiros tratando de encher uma pipa. Mas os costumes dos personagens tem um pitoresco vivo e insinuante, e aquella fonte, aquelle bocado de estrada no caminho que yae de Cintra aos Setes e bem verdadeiro, é aquillo mesmo Portugal.

O artista inglez que enviou o seu excellente desenho para uma publicação critica de Londres, levou a sua estima para com a *Illustração* ao extremo de nos confiar amavelmente uma copia do seu primoroso trabalho. Sozinhos que nos felicitamos pela aquella copia prezada e de agradecer penhorado ao artista e aos assiduos collaboradores da *Illustration London News*, a honra que nos dispensaram enviando-nos para reproductores do seu desenho, que tanto deve penhorar os nossos leitores de Portugal.

## PRAZERES DE VERÃO

Os artistas só agora pensam no campo. Nos mezes de julho a setembro ninguém lhes obtem uma pagina que não tenha por assumpto o campo ou as praias. Mas também que paginas deliriosas que elles nos dão!

Vejam o nosso desenho. O eterno drama do amor. Em volta a natureza é toda esplendorosa, está toda em festa. A verdura é suavissima, o ar é fresco, ha sombras ideaes, e ao lado corre o eterno regato, o bom do eterno regato; fão limpido, tão murmuroso, desfazendo-se em toallhas crystallinas, de pedra, em pedra, até se perder de vista... Será batul, será pigras, será tudo quanto os srs. scepticos quizerem, mas quando se tem vinte annos estas cousas tão bonas e tão vulgares constituem o melhor de todos os mundos, um mundo de illusões, de chiméras felizes, a alma alegre, o coração radiante, e a consciencia tranquilla.

Ella deixou cahir o livro em que estava lendo: fazes a *Graciette* de Lamartine — quando Elle a comprehendeu. O silencio dos dois talvez seja ricocho para os que passaram já a idade das paixões ou para os que nunca affeições tiveram. Mas esse bando frio e triste de scepticos daria bem cinco annos da sua existencia para que o Diabo do *Fausto* os rejuvenecesse durante uma hora, para poderem gozar de todas as illusões d'uma mocidade expansiva e apaixonada.

Página encantadora e simples! Quizeramos

saber ao certo quantas saudades vae despertar, e quantos labios vae fazer sorrir de prazer!

## SANT'ANNA NERY

FREDERICO José de Sant'Anna Nery nasceu na cidade de Belem, capital do Pará, em 1848.

Aos 7 annos d'idade, orphão de pae e mãe, foi para Manaus, capital do Amazonas, onde estudou até 1862.

Neste anno veio para França, e em 1867 era bacharel em bellas-lettas.

Em fins de 1869 seguiu para Italia e em fins de 70 formou-se em direito pela Universidade de Roma.

Em 1871, o dr. Alfredo de Macedo, actual encarregado de negocios do Brazil em Hespanha, apresentou-o ao Conde de Villeneuve, então ministro do Brazil na Suissa, o qual lhe confiou a correspondência do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em Roma.

Por este tempo fundara-se em Paris, tendo á sua frente Gambetta, a *Republique Française*, e foi Sant'Anna Nery o seu correspondente em Roma, assim como da *Patrie*, de Genebra, *Jornal do famoso chefe radical Carteret*.

Em janeiro de 1872 aceitou o lugar de redactor em chefe de um jornal anti-infantilista, onde se conservou até Março de 1873.

Depois d'algumas viagens pela Europa fixou definitivamente a sua residencia em Paris em Outubro de 1874. Começou então a escrever para o *Jornal do Commercio* os folhetins *Vêr, Ouvir e Contar*, e ao cabo de poucos annos, tendo fallecido o correspondente politico do *Jornal do Commercio*, ficou também com a correspondência politica dessa folha.

Em 1880 tomava parte no « Congresso litterario internacional », e tentava fundar uma « Associação internacional dos jornalistas ». Neste mesmo anno foi eleito membro da « comissão de estudos da Associação litteraria internacional » e da « Société des gens de lettres ».

Em 1881 tomava parte no « Congresso litterario internacional » em Londres, sendo na sua sessão de 18 de Junho eleito membro da « comissão de estudos da Associação litteraria internacional » e da « Société des gens de lettres ».

Em 1882 tomava parte no « Congresso litterario internacional » em Londres, sendo na sua sessão de 18 de Junho eleito membro da « comissão de estudos da Associação litteraria internacional » e da « Société des gens de lettres ».

Em 1880 organizou o primeiro banquete patriótico para celebrar o anniversario da independencia do Brazil, fundando-se por essa occasião a *Sociedade de Beneficencia brasileira*. Em 1881 fundou-se um jornal brasileiro em Paris para que elle foi nomeado redactor em chefe. Em 1882 foi ao Brasil que elle não visitava havia 20 annos, e onde o nomearam official da Rosa. E ultimamente o governo francez nomeou-o cavalleiro da Legião de honra.

Entre as suas obras que correm impressas destacam-se principalmente: *Les finances pontificales* (1871). — *La logique du cœur* (1872). — *Un poète brésilien*: Antonio Gonçalves Dias (1873). — *Camões et son siècle* (1879). — *Lettre sur le Brésil*: Réponse au « Times » (1880). — *Le pays du café* (1882). — *La question du café* (1883). — *La bataille de Riachuelo* (1883). — *La civilisation dans l'Amazonie* (1884). — *Un homme de lettres* (1884).

E tem collaborado no *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro). — *Liberta e Journal de Rome* (Roma). — *Patrie* (Genebra). — *Republique Française*, *Paris*, *l'Opinion*, *le Figaro*, etc. (Paris). — *Society* (Londres).

E neste momento tem no prelo uma grande obra — *Le pays des Amazones* — um vol. in-8º com mais de 100 illustrações e dois mapas para o que obteve uma subvenção da Provincia

do Amazonas da qual é agente na Europa desde o anno findo.

Nestas rapidas notas está traçada toda a vida do activo e intelligente jornalista de quem hoje damos o retrato, e que o governo francez, por proposta do sr. Jules Ferry, acaba de agradecer com o titulo de cavalleiro da Legião d'Honra. Sant'Anna Nery é um dos jornalistas brasileiros mais conhecidos em todo o Imperio pelos seus folhetins parisienses do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, que elle escreve regularmente ha sete annos, e onde elle dá conta aos milhares dos seus leitores do movimento francez, com grande justeza e intelligencia.

E depois não ha só a notar em Sant'Anna Nery o jornalista distincto, ha também a encerrar o patriota exaltado trabalhando constantemente pelo bom nome do seu paiz. Sant'Anna Nery dizia-nos um dia:

« A minha politica cifra-se nisto: defender o Brazil no estrangeiro sempre que o Brazil tenha razão... e defendê-lo ainda mais pertinazmente quando mesmo a não tenha. A patria é mãe. Ninguém confesse os defeitos da mãe a estrangeiros!... »

Não serão estas palavras o maior elogio que se possa fazer do seu caracter?... E quanto vale o escriptor, os nossos numerosos leitores do Imperio sabem-n'o tão bem como nós, para que estejamos aqui a accumular elogios que se poderiam levar á conta d'estima, quando da nossa parte não haveria senão a tenção firme de fazer justiça.

## O DR. KOCH

Não foi sem trabalho que a *Illustração* pôde obter da Allemanha um retrato do celebre dr. Koch. Quizemos dal-o com o nosso numero 7, o numero que dedicamos aos acontecimentos do cholera em França, mas só ha poucos dias nos chegou a Paris a photographia, e nem tempo tivemos para a fazer entrar no nosso numero 8.

O nome do medico allemão esteve agora tanto em evidencia na Europa que seria impensavel não tornar conhecida a physionomia deste illustre homem de sciencia. Os trabalhos que mais têm dado celebridade ao dr. Koch são os que elle tem feito sobre o cholera, sendo um dos primeiros medicos europeus, senão o primeiro, que immediatamente se dirigiu para o foco da epidemia estudar o microbio.

Este anno fez a mesma perigrinação a Toulon, quando o cholera se declarou em França. As opiniões do dr. Koch sobre os modos de combater a epidemia diz-se que são um tanto oppostas ás dos medicos francezes. Mas os jornaes europeus adiantaram-se a dar noticias perfeitamente erradas, porque o dr. Koch ainda nada revelou ao publico como resultado dos seus estudos e observações, e apenas n'uma reunião intima de medicos de Berlim se limitou a dizer que não fazia ao publico nenhuma communicação pois que o assumpto era ainda delicadamente scientifico que não podia andar pelas columnas dos jornaes diarios, e apenas devia ser discutido nas academias e revistas scientificas.

O relatório do dr. Koch é esperado com grande curiosidade não só na Allemanha, como também em França e em Inglaterra; e a França que sabe sempre pagar as suas dividas de gratidão e prestar homenagem a todos os talentos — nacionaes e estrangeiros — não hesitou um instante em offerecer a cruz da Legião d'Honra ao illustre homem de sciencia que fôr a Marselha e a Toulon estudar o modo de combater o cholera.

Este acto de extrema delicadeza e de justa apreciação do modo o mais sympathico por toda a Europa, a França teve occasião de renovar novamente quantas dedicções possui, quantas estima e dispensam por toda a parte — pelo seu espirito superior e pela sua grande largueza d'alma.

## O CHOLERA EM FRANÇA

A nossa curiosa gravura representa um lazareto na fronteira franco-italiana, onde se armaram barracas de campanha para obrigar todos os viajantes vindos de França a uma quarentena de quatro e sete dias, conforme a procedência.

Os viajantes não podem sair d'aquelle valle. Estão ali vigiados por soldados Italianos. A entrada do abarracamento ha umas cordas fechando toda a qualquer comunicação com o solo de Italia. Os vendedores Italianos de fructas, leite e vinho passam por ali uma vez por dia e os quarentenarios sequiosos de bom leite e de bom vinho, famintos de boas laranjas, correm ao limite do lazareto para comprar tudo quanto apparece — e Deus sabe por que preços! Não ha fugir á especulação. E os soldados não saem um minuto do seu posto, para evitar que algum suspeito do cholera possa fugir e introduzir-se em Italia sem ter passado pelo regulamento de sanidade.

Apesar do cholera em França ter decrescido enormemente, as quarantenas ainda existem, em Italia como em Hespanha, o que tem paralisado quasi todo o movimento de passageiros em todo o Meio Dia da Europa.

## NOITE DE VERÃO

Os dois artistas da força de Vierge e de Gobin poderiam produzir pagina tão bella como esta, dando todo o tom phantastico que elle possue, a um assumpto que afinal é todo verdade.

Abstemo-nos de quaesquer palavras para illustrar a nossa gravura. Não precisa explicações. São quadros que todos sentem, que todos advinham, que todos comprehendem — por que todos os têm visto, os têm admirado na propria natureza.

## NÓS

(A A. DE S. V.)

I

For quando em dois verões seguidamente a Febre e a Cholera tambem andaram na cidade, Que esta população, com um terror de lebre, Fugiu da capital como da tempestade.

Ora meu pai, depois das nossas vidas selvagens, (Até então nós só tivéramos serapio) Tanto nos viu crescer entre os montes das malvas Quo elle ganhou por isso um grande amor ao campo!

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga: O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos; Mesmo no nosso predio, os outros inquietos Meceram todos. Nós salvámo-nos na fuga.

Na parte mercantil, foco da epidemia, Um panico! Nem um payo entrava a barra, A atalhega parou, nenhuma loja abriu E os turbulentos caes cessaram a algazarra.

Pela manhã, em vez dos trechos dos baptizados, Rodavam sem cessar as seges dos enterros. Que triste a successão dos armazéns fechados! Como um domingo inglex na « city » que desterrois!

Sem canalhismo em muitos burgos ermos, Succediam defeições cobertas de moaqueiros. E os medicos ao pé dos padres e coveiros, Os ultimos fideis tremiam dos enfermos!

Uma illuminação a azule de gurgueira, De noite aparecia os predios manifestos. Barricas d'alcorno ardiam, de manobra Quo tinham tanta d'aterro outros arrematados.

Porém, lá fora, a solta, exaggeradamente, Enquanto acontecia essa catástrofe, Toda a vegetação, plethorica, potente, Ganhava immenso com a enorme mortandade!

N'um impeto de selva na arvoretoz fartos N'uma opulenta finia as novidades todas, Como uma universal celebração de bodas, Amaram-se! E depois houve soberbos partos.

Por isso, o chefe antigo e bom da nossa casa, Triste d'ouvir fallar em orfãos e em viúvas, E um permanencia offundido um horizonte em brasa, Não quiz voltar semo depois das grandes chuvas.

Elle, d'am lado, via os filhos acincoados, Um livido flagello e uma molestia horrenda! E via, do outro lado, auras, fezrias, penos, E um salutar refugio e um lucro na vivenda!

E o campo, desde então, segundo o que me lembro, E toda o meu amor de todos estes annos! Nós viamos para lá; sonnos provincianos, Desde o calor de maio aos frios de novembro!

Que de fruta! E que fresca e temperada, Nas duas boas quintas bem miradas, Em que o sol, nos talhões e nas latadas, Bate de chapeo, logo de manhã!

O lanjaral de folhas negrojantes, Porque os terrenos são revalidados (Desde em ancinhos todos os machos, Como uma escadaria de gigantes.

Das courelas, que crim coronas, De que os donos — ainda! — pagam fóros. Dividem-a'o fechados pitospúros, Abrigos do raizos verticaes.

Ao meio, a cuspria branca assenta A beira da calçada, que divide Os sacuros pomares de pévido, Da vinha, n'uma encosta soalheira!

Entre tanto não ha maior prazer Do que, na placidez das duas horas, Ouvir e ver, entre o chiar das nóras, No largo tanque as bicas a correr!

Muito ao fundo, entre ulmeiros secucareas, Secca o rio! Em tres mezes d'atragem, O seu leito é um atalho da passagem, Pedregosissimo, entre dois logares.

Como lhe lugem seixos e burgueses Rolicos! Marinhão nos lanchas Os remadores africanos das boteiras, Que como flocos espigados saltam para!

Montanhas inda mais longiquamente, Com restevias, com combas como bocas, Lembram cabeceras estupidas, grossas, De cabelo grisalho, muito rente.

E, a contrastar, nos valles, em geral, Como em vidraças d'uma enorme estufa, Tudo se atrea, se impõe, alarga e ontufa, D'uma vitalidade equatorial!

Que de frugalidades nós criamos! Que torção espontanea que nós somos! Pela outonal maturação dos pomos, Com a carga, no chão posamos os ramos.

E assim postas, nos barroes e areiaes, As macieiras vergadas fortemente, Parecem, d'uma fauna surprehendente, Os polypos enórmes, diluviões.

Comtudo, nós não temos na fazenda Nem uma planta só de méro ornato! Cada pé mostra-se útil, é sensato, Por mais finos aromas que rescenda!

Finalmente, na fertil depressão, Nada se vê que a nossa mão não regre: A florescencia d'um matiz alegre Mostra um signal — a fructificação!

Ora, ha dez annos, n'este chlo de lava E argila e areia o alluvioes dispersas, Entre especies botanicas diversas, Forte, a nossa familia radjava!

Unicamente, a minha doce irmã, Como uma tenoz e immedulada roxa, Dava a nota galante a melindrosa Na trabalhadeira rualta, aida!

E foi d'um anno prodigio, excellente, Quo amargura nada sei que adoce, Quo nós perdemos essa flor preciosa, Que cresce e morre rapidamente!

Al d'aquelles que nascem n'este cahos, E, sendo fracos, sejam generosos! As doenças assaltam os humidos E — custa a crer — deixam viver os nulos!

★

Fecho os olhos caçados, e deacervo Das talas da memoria retocadas, Biscotas, hortas, butatas, latadas, No paiz montanhoso, com relevo!

Ah! Que aspectos benignos e riuos N'esta inocuidade tudo tinha, Ao iras, com o banco de palhinha, Para a sombra que faz nos parreiras!

Ah! Quando a calma, á sexta, nem consente Que uma filha se mova ou se desmanche, Tu reficte o feliz com o teu a lancha, Nos ajudavas, voluntariamente!

Era admiravel — n'este grau do Sul! — Entre a rama avistar teu rosto alva, Ver-te escolhendo a tua diagonal, Que eu embarcava para Liverpool.

A exportação de frutas era um jogo: Dependiam da sorte do mercado O boal, que é de pérolas formado E o ferral, que é ardente e cêr de fogo!

Em agoato, ao calor canicular, Os passaros e exames tudo infestam; Tu cortavas os bagos que não prestam Com a tua tesoura de bolar.

Douradas, pequeninas, as abelhas E negras, volumosas os beizelos Circundavam, com impetos de toiros, As tuas candidissimas orelhas.

Se uma vespa lançava o seu ferrão Na tua cutis — péta de leite! — Nós collocavamos dez reis e azeite Sobre a galante, a rozeu inflamação!

E se um de nós, lá farto, arrongado, Com o chapeo cecava a bichuria, Cada sangão voando, á luz do dia, Lombrava o teu dotal arremessão.

★

Que d'encantos! Na força do calor Desabrochavas no padrão da bata, E surgindo da gola e da gravata, Teu peçoço era o cante d'uma flor!

Mas que cegueira a minha! Do teu porto A fina curva, a indefinida linha, Com bondades d'herbivora mansinha, Eram prenuncios de fraqueza e morte!

A procura da libra e do « shilling », Eu andava abstracto e sem que visse Quo o teu alvor romantico de « miss », Te obrigava a morrer antes de mim!

E antes tu, ser lindissimo, nas faces Tiveas « panno » como as camponesas; E sem brancuras, sem delicadezas, Vigorosa e plebeia, inda durasas!

Uns modos de carnicora foroz, Podias ter em vez de inoffensivos; Tinhaas caninos, tinhaas incisivos, E podias ser rude como nós!

Pois n'este sulo, que era de sequeiro, Todo o genero ardente resistia, E á larguissima luz do Meio-Dia, Formava um tom opalico e trigalido!

★

Sim! Europa do Norte, o que apponhas Des yengera que acaressem touros heróicos, Quando os doctos comedistas, na pafusa Chegavam estes d'atrasos e d'atrasos!





W. H. O'Leary

PORTUGAL - Cintas de seda para um inglês. A "Sabuga."





PRAZERES DE VERAO



Oh! Os rios e primores da nossa terra  
E as frutas, as flores, as tardes,  
E a harmonia das quinteiras  
Que se formam a d' Inglaterra!

Oh! Os rios, as flores, as tardes,  
E as frutas, as flores, as tardes,  
E a harmonia das quinteiras  
Que se formam a d' Inglaterra!

Todos os anos, que treco se exhala  
Abundância felizes que eu recordo!  
Cada vez bruta que eu para bordo  
Vapores por aqui, e ali, e acolá!

Uma alta petreira muscardi  
Por doce não serve para embarque!  
Pallido, que rodeiam Hyde-Park,  
Não conheço esse diabo mel!

São a Corda, o Banco, o Almirante,  
Que se tem nas florestas um que ha corça,  
Um em vez que dobras as vossas forças,  
E a vida d'um verde, e um verde!

Anglos Saxonos, tendes que invejar!  
Bicis, eucidas, comparsas comvosco!  
Aqui tudo espontaneo, alegre, traco,  
E a vida d'um verde, e um verde!

Os rios, as flores, as tardes, que dão os vinhos  
E a harmonia das quinteiras, inda quentes!  
E a harmonia das quinteiras, inda quentes!  
E a harmonia das quinteiras, inda quentes!

Os rios, as flores, as tardes, que dão os vinhos  
E a harmonia das quinteiras, inda quentes!  
E a harmonia das quinteiras, inda quentes!  
E a harmonia das quinteiras, inda quentes!

Bem sei, que a parca corre, e corre,  
O aço e a vida, as lanchas e o estete;  
Tudo o que ha de mais d'outra, de mais foto,  
Tudo o que ha de mais rijo e resistente!

Mas isso tudo é falso, é machinal,  
Sem vida, como um círculo em um quadrado,  
Com esse perfume do fabricado,  
Sem o perfume do vivo, e do real!

E o caro sol, sobre isto tudo,  
Faz conceber as vendas ribanceiras;  
Lança as rosas, as bellas e fructeiras  
Nas terras de trigo, e de palhaço!

Uma aldeia d'aqui é mais feliz,  
Londres sombra em que se scintilla a cor!  
Mesmo que tu, que vives a compor-te,  
Grande ao ar, e a vida de Paris!

Ah! Que de gloria, que de colorido,  
Quando por meu mandado e meu conselho,  
Ca se empelam a as machas d'espelho,  
Que Herbert Spencer talvez tenha conhecido!

Para alguns, são prognos, são bannes  
Estes versos de fibra succolenta;  
Como se a polpa que nos desce de  
Nem ao menos valesse uns madrigaes!

Pois o que a bocca trava com surpresa  
Sendo as frutas tónicas e puras!  
Ah! Num janio de cunhos e gorduras  
A grata regalia das sobremanas!

Jack, marujo inglês, tu tens razão  
Quando, ancorado em portos como os nossos,  
As lanchas com cascos e caracos  
Comas com bestial indifferença!

A impressão d'outros tempos, sempre viva,  
De extremos no meu passado morto,  
E a vida, muita vez, aborço,  
Pela varzea da minha retentiva.

Então recordo a paz familiar,  
Todo um painel pacifico d'engano!  
E a quencia fatal d'uma borca d'anhos  
E a vida, muita vez, aborço,

Todos os tipos mortos ressurto!  
Perpetuam-se assim alguns minutos!  
E eu, e os casos, e os casos, e os casos,  
Dentro d'um voo de lagrimas bemido!

Pinto quadros por lettras, por signaes,  
Tão luminosos como os de Levante,  
Nas horas em que a calma é mais queimante,  
Na quadra em que o vento aperta mais.

Como destacam, vivas, certas cores,  
Na vida, externa, cheia d'alegras!  
Horas, vozes, locos, physiologias,  
As ferramentas, os trabalhadores!

Aspiro um chéiro a cosadura, e a far  
E a rama de pinheiro! Eu advinho  
O resinoso, o tão agreste pinho  
Serrado nos pinhaes da beira mar.

Vinha cortada, nos felxes, a madeira,  
Cheia de nós, d'imperfeições, de rachas,  
Depois armavam-se, n'um prompto, as caixas  
Sob uma calma espessa e calceira!

Felxes e fortes! Punham-lhes papel  
A forral-as. E em grossa serradura  
Acumava-se a vida prematura  
Que não deve servir para tonel!

Cingiam-nas com arcos de castanho  
Nas ribeiras cortados, nos riachos;  
E eram d'assucar e calor os cachos,  
Criados pelo estercor e pelo amanho!

O pobre estrume, como tu compões  
Estes pimpinões doces como afagos!  
« Dedos de dama » : transparentes bagos!  
E « Têas de cabra » : lactes carnações!

E não eram caixites bem dispostas  
Como as passas de Málaga e Alicante;  
Com sua forma casavel, ignorante,  
Estas pesavam, brutalmente, às costas!

Nos vinhateiros via fulgurar,  
Com tanta cal que torna as vistas cegas,  
Os paralelogrammos das adegas,  
Que têm lá dentro as dobras e o lugar!

Que ruzica! Ao ar livre dos estios,  
Que grande ardor! Apressadamente  
Como se fosse um martellar frequente,  
Vespéra da vida dos navios!

Ah! Ninguém entender, que ao mar olhar  
Tudo tem certo espirito secreto!  
Com folhas de aude, e um objecto  
Deia raizes duras de arrancar!

As navalhas de volta, por exemplo,  
Cujos bicos de passaro se apressam,  
Forçadas no casbre d'uma aflicção,  
São antigas amigas que eu contemplo!

Elas, em seu labor, em seu lidar,  
Com sua ponta como a das podas,  
Serviam probas, e dignas, boas,  
Nunca tintas de sangue e de manar.

E as enxós de martello, que d'um lado  
Cortavam mais do que as enxadas cavam,  
Por outro lado, rápidas, pregavam,  
D'uma pancada, o prego fagulhado!

O meu animo verga na abstracção  
Com a espinha dorsal dobrada ao meio,  
Mas se de materias descobro um rolo  
Ganho a manufatura d'um Sarsão!

E assim — e mais no povo a vida é cora —  
Amo os officios como o de ferreiro,  
Com seu folle arquejante, seu brazão,  
Seu milho retumbante na bigorna!

Então, se me pongo a recordar  
Tanto utililio, tantas perspectivas,  
As tradições antigas, primitivas,  
E a formidável alma popular!

Que brava alegria eu tenho quando  
Sento qual como os maris! E, sem talento,  
Fico um trabalho tecnico, violento,  
E a vida, muita vez, aborço,

Os fructos, tostados pelos socos  
Tinham passado, muita vez, a rain,  
E expostos, entre os maris, a rain,  
— Pobres campões — em uma heresia.

E por isso, com phrasas impetuosas,  
E colorido e estilete, e a rain,  
As « facas » e as « facas », e a rain,  
Tinham como noventa e nove.

De como, as calmas, n'essas excurões,  
Tinham as aguas salobras por refrescos;  
E amarelos, enormes, gigantescos,  
Lá batiam o queixo com seções!

Tinham corrido já na adusta Hespanha,  
Todo um ferril plató sem arvoredos,  
Onde armavam barracas nos vinhedos,  
Como tendas alegres de campanha...

Que pragas castelhanas, que alegrão  
Quando contavam scenas de pousadas!  
Adoravam as cintas encarnadas,  
E as cores, como os pretos do sortio!

E tinham, sem que a lei a tal obrigue,  
A educação vistosa das viagens,  
Uns por terra partiam e salárgens,  
Outros, aos montes, no convéz d'um brigue!

Só um havia, triste e sem fallar  
Que arrastava a maior misanthropia,  
E, roxo como um figado, bebia  
O vinho tinto que eu mandava dar!

Pobre da minha geração exangue  
De ricos! Antes, como os abrutados,  
Andar com uns sapatos encobados,  
E ter riqueza chimica no sangue!...

Mas hoje a ruzica lavoura, quer  
Seja o patrão, quer seja o jornalheiro,  
Que inferno! Em voo o lavrador rasteiro  
E a filha da vida, e a mulher!

Desde o principio ao fim é uma maçada  
De mil demonios! Torna-se preciso  
Ter-se muito vigor, muito juizo  
Para trazer a vida equilibrada!

Hoje eu sei quanto custam a criar  
As cepas, desde que eu as podo o tempo.  
Ah! O campo não é um passatempo  
Com bucolismos, rouxinolos, luar.

A nós tudo nos rouba e nos dizima:  
O rapazio, o imposto, as pardaladas,  
Ao osas peçonhentas, achaladas,  
E as abelhas que engordam na vindima.

E o pulgão, a lagarta, os caracos,  
E a vida, além do mais, com que se acima,  
As intemperies, o granizo, a queima,  
E a concorrência com os hespanhos!

Na venda, os vinhateiros d'Almería  
Competem contra os nossos fazedores,  
Dão frutuos aos fellos dos estrangeiros,  
Por uma cotação que nos desvia!

Pois tantos contras, rudes como são,  
Forte e telmoso, o componer fazedores!  
Venham de lá pesados os comboyos  
E os « buques » estivados no porto!

Não, não é justo que eu a culpa lance  
Sobre estes nada! Puras bagatelas!  
Nós não vivemos só de coisas bellas,  
Nem tudo corre como n'um romance!

Para a Terra parir, hade ter dor,  
E a para obter as asperas verdades,  
Que os agrónomos cursem nas cidades,  
E a sua cista, aprende o lavrador.

Ah! Não eram insectos nem as aves  
Que nos daviam dias tão difficeis,  
Se nós, subidos, se gente, descobrissemos  
Como se curam as doenças graves.

Não valem nada a cava, a enxofra, e o mais!  
Difficiloso trato das cebras!  
Lutas constantes sobre as jornas cinas!  
Compras de bois nas feiras annuas!

O que a alegria em nós destruo, e mata,  
Não é rede arrastante d'esquadrão,  
Nem é a « suão » queimante como um facho,  
Nem a vida, e a vida, e a vida, e a vida!

Podia ter secado o poço em que eu  
Me abutava e te pregava sustos!  
E mais as herias, arvores e arbores,  
Que — mata vez — a tua mão colheu.

Molestia negra, nem a charbon, e o mais!  
Como um arvoreto incendiando as jornas,  
Tão pouco as bestas e inviveis parias  
De enorme legião do phylloxera!



Podiam mesmo, com o que contão,  
Os muros ter cado as invenções!  
Somos fortes! As nossas vestimentas  
Podem vencer a dor e o muito bem!

Que os réus, sim, que como touros mugem,  
E ribombando atulham as regiões!  
Choramos de remota as lutas e o bem!  
Compreendamos outros com fereçem!

As trevas cheias de novembro, em vez  
Do nateiro subtil que fertiliza,  
Fossem a inundação que tudo pisa,  
No rebente afogassem muita vez!

Ah! Nesse caso posso se perderei,  
Por isso tudo era um pequeno dano,  
A vista do cruel destino humano  
Que os deuses te fazia com cerna!

Era esse tynian em teu corpo grão,  
Que nos enchia a todos de cuidado,  
Te curvava e te dava um ar afado  
Como quasi vas vont' a Pam' mundo mau.

Em a desolação que ia nos mina  
(Porque o fassio é bem peor que a fome)  
Que a meu pai deu a curva que o consome,  
E a minha mãe cabellos de platina.

Era a chorosa, esse tremenito mal,  
Que desveteu o que tornou funesta  
A nossa branca habitação em festa  
Reverberando a luz meridional.

Não desajonho, — não os tem defeitos, —  
Que os tyasios pereçam! Mã theoria,  
Se pelos meus o apuro principia,  
Se a Morte nos procata em nossos leitões!

A mim mesmo, que tenho a precensão  
De ter saade, a mim que adoro a pompa  
Das forças, pode ser que se me rompa  
Uma arteria, em me mine uma lesão.

Nós outros, tens irmãos, tens companheiros,  
Vamos abrir um mangal de dores!  
E somos rijos como os serradores!  
E pasíveis como os engenheiros!

Porém, hostia, sobressaltados, sós,  
Os homens architectos mil projectos  
De victorias! E eu duvido que os meus netos  
Morram de velhos como os meus avós!

Porque, parece, ou fortas ou velhacos  
Serão apenas os sobreviventes;  
E ha pessoas sinceres e clementes,  
E trevos grossos com seus ramos finos!

E que fazer se a geração decaer!  
Se a seiva genealogica se gasta!  
Tudo empobrecer! Extingue-se uma costa!  
Morre o filho primario de que o pai!

Mas seja como for tudo se senté,  
Da tua ausencia! Ah! como o ar nos falta,  
O' flor cortada, susceptivel, aca, □  
Que assim seccaste prematualmente!

Eu que de vezes tenho o desprazer  
De reflectir no tunello! E medito  
No eterno Incongnitivel infinito,  
Que as idéas não podem abranger!

Como um pau! em que não creça a junça  
Sei d'almas estagnadas! Não absorvo,  
Temos ainda o culto pelos Mortos,  
Esses ausentes que não voltam nunca!

Não ignoramos, sem religião,  
Ao rasgar o caminho, a fé perdida,  
Se se vemos ao fim d'esta avenida  
Que essa horrivel aniquilação!

E ó minha martyr, minha virgem, minha  
Infeliz e celeste creatura,  
Tu lembras-te do longe a paz futura,  
No teu jazigo, como uma saintim!

E emquanto a mim, és tu que substitues  
Tudo o mysterio, toda a santidade,  
Quando embusca do reino da verdade  
En ergo o meu olhar nos seus azues!

HI

**T**AMAROS nós voltado a capital maldita,  
E a vista de polir isto tranquillamente,  
Quando nos succedeu uma cruel desdita,  
Eram de nós caiu, de subito, doente.

Uma turbacção abalou o coração!  
Da-me robusto ainda o teu tórax profundo!  
P'ra sempre lembres, triste, as palavras ternas,  
Com que se despediu da vida e do mundo!

Pobres raios robustos e ebonos do futuro!  
Não sei d'um informo imaginso como o seu!  
Viu o seu fim chegar como um medonho muro,  
E, sem q'itiver, afflicto e agonizante, morreu!

De tal maneira que hoje, em desgosto e azedo  
Com tanta crutidade e tanta injustiça,  
Se inda trabalho é como os preços no degedro,  
Com plausa de vingança e idéas insubmissas.

E agora, de tal modo a minha vida é dura,  
Tanto momentos mais, tão tristes, tão perversos,  
Que sinto só desdém pelo thianayra, □  
E ao desprazo o esprego os meus amitos versos!

Lisboa,

*Cesarino Verde*

A publicar no proximo numero :  
Um soneto inédito — ESTATUA — do illustre poeta  
Luiz Guimarães, fazendo parte do seu novo livro —  
LYRA FINAL — prontos a sair a luz.

## GEORGE SAND

**D**a escriptora a quem ha dias os fran-  
cizes erigiram uma estatua dizia  
ha bastantes annos Victor Hugo :  
« Sois a grande mulher d'este se-  
culo ».

E de muitos outros seculos tambem. Por  
que rarissimas vezes uma mulher se tem  
elevado tanto no mundo das lettras. É igual  
de M<sup>me</sup> de Sévigné; e ultrapassa M<sup>me</sup> Stael  
e M<sup>me</sup> de Girardin de toda a distancia que  
vae do genio ao talento.

A sua biographia é muito conhecida para  
que eu intente refazê-la. Armandine-Aurore-  
Lucile Dupin, por casamento Dudevant,  
vulgo George Sand, nasceu em 1804 e mor-  
reu em 1876 — setenta e dois annos d'idade,  
na sua casa de campo em Nohant.

Aos vinte e cinco annos ainda não tinha  
pensado em escrever; ignorava a sua grande  
intelligencia! Foram o acaso e a necessidade  
que a obrigaram a pegar n'uma penna. Nas  
suas admiráveis *Lettres d'un voyageur*,  
desenhou algumas perspectivas discretas  
acerca d'este periodo da sua existencia. A  
proposito d'um retrato que se achava no  
seu quarto, diz Sand : « Durante um anno,  
« o ser que me legou este retrato sentou-se  
« comigo todas as noites a uma acanhada  
« meza, e viveu do mesmo trabalho que eu  
« vivi. Ao amanhecer consultavamos  
« sobre a nossa obra, e cejavamos a mesma  
« meza, fallando ao mesmo tempo de arte,  
« de sentimento e de futuro. Foi o futuro  
« que faltou á sua palavra ».

George Sand tornou-se immediatamente  
celebre, apenas appareceu o seu primeiro  
livro, que era este romance febril e ex-  
mentado que se chama *Indiana*. Um  
extravagante e que se vê claramente que  
muito procurado. A sua maneira simplista  
se na *Valentine*, a sua segunda obra. A par-  
tir d'aqui, houve uma successão ininterrom-  
pida de produções, semelhantes ao curso  
regular d'um bello rio, algumas vezes cheio  
de limos e turbalento, mas quasi sempre  
majestoso e limpo.

A obra de George Sand occupa um lugar  
enorme na litteratura franceza d'este seculo

— e mesmo nos dictionarios bibliographicos.  
Durante quarenta e seis annos não cessou  
de escrever e de dar a publicação; as suas  
obras contem-se nos centos. Abordou os  
generos mais diversos. Certamente  
que ha muita coisa a pôr de parte, mas  
quantas obras-primas não ficam! Que-  
rem que lhes apontemos algumas? Vejam :  
*Mauprat*, *André*, *a Mare au diable*, *a Per-  
nière Abbe*, *os Maîtres sonneurs*, *Tere-  
rino*, etc., etc.

No theatro os successos foram um tanto  
discutidos. Algumas vezes fez desanhar os  
seus ferventes admiradores apresentando  
obras disformes, extravagantes, como *Mar-  
guerite de Saint-Genne*, *Duval*, *Don Juan  
de Village*, *Lys de Japan*, — mas vingou-se  
brilhantemente de certos detractores na *Claudie*  
e especialmente no *Marquis de Villemer*.

A critica curvou-se sempre respeitosamente  
diante de George Sand. Gustavo Planche,  
tão implacavel, sentiu-se sempre desarmado  
quando tinha de analysar algum trabalho  
seu. Sainte-Beuve, nas suas *Causeries du  
lundi*, macarillha-se do seu poderosa imagi-  
nação e affirma que todas as barreiras se lhe  
abrem. « Nada se pode interdizer em materia  
« d'arte, disse elle, a um talento que está  
« em pleno curso, em plena torrente. Um  
« talento ativo como aquelle veio ao mundo  
« para usurar. »

Os ultimos annos de George Sand passa-  
ram-se longe das agitações politicas e litte-  
rarias. Vinha raramente a Paris; e muitas  
vezes nem ji se incommodava para assistir  
aos ensaios das suas peças. Directores e  
editores quando queriam conferenciar com  
ella alguma coisa, tinham que ir fallar-lhe  
a Nohant, onde se praticava a hospitalidade  
d'um modo largo e cordial. Todos quantos  
a approximaram prestam homenagem á  
simplicidade das suas maneiras e á bondade  
do seu coração.

E a França levantando-lhe uma estatua  
pagou, como devia, um largo tributo, e  
provou mais uma vez ao mundo civilisado  
que n'este paiz nunca são esquecidos os que  
tiveram talento ou genio para illustrar e  
engrandecer a sua patria!

GIL-VICENTE.

## A GATA

**N**a minha aldeia tambem ha um cemite-  
rio; simples, singello, como todos os  
cemiterios d'aldeia.

Uma influencia politica da terra pro-  
mettu um cento de votos ao Governo se lhe  
subsidiasse os trabalhos e o Governo depois de  
uma eleição reñhida que causou tres mortes,  
deu uns tantos reis para o acabamento da obra.  
Ironia delicada ás victimas que fizera.

Não é exigente um cemiteo d'aldeia! Um  
muro, uma porta, e uma cruz de ferro para a  
señal.

Os da terra vão ás vezes aos pinhaes extra-  
har grande madeiro que esperam em cruz  
na da porta; este nem isso tem.

Ha umas rachiticas acanhadas e mui  
secas, como fructos impotentes de uma vida  
de guerra, outras, tristes e desmazeladas, com  
seus pequenos troncos finos, como quecadas  
pelo da raiz que as prende a um mundo que  
não é o seu.

A relva d'um verde-limbo e de um  
chão em ondas salgadas d'um domo alva  
covas, e aqui e ali uma flor, e ali mais  
uma semellura ou uma valla de freixo.

Ha já um bom par de annos que o Cemiteo



## A ILUSTRACÃO

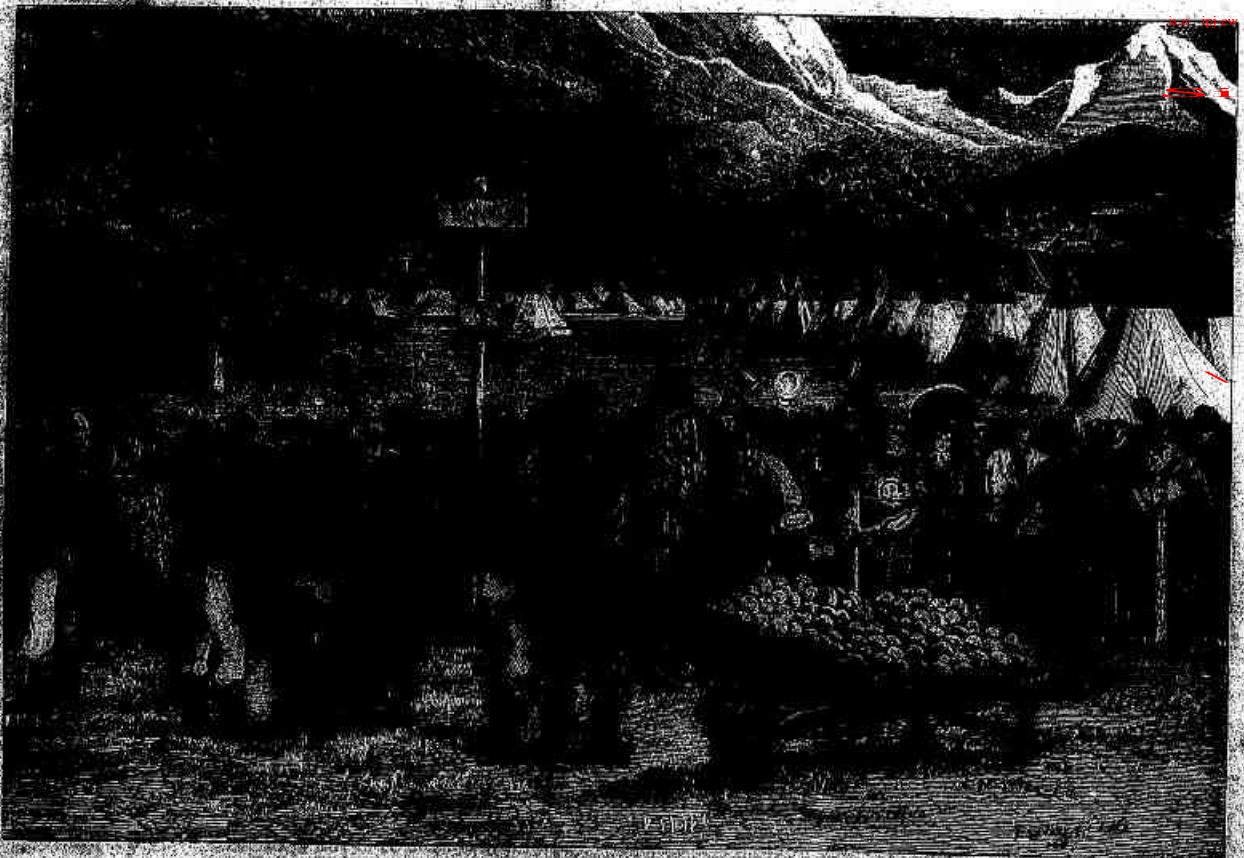


**SANT'ANNA NERY**  
Cavalleiro da Legião d'Honra.



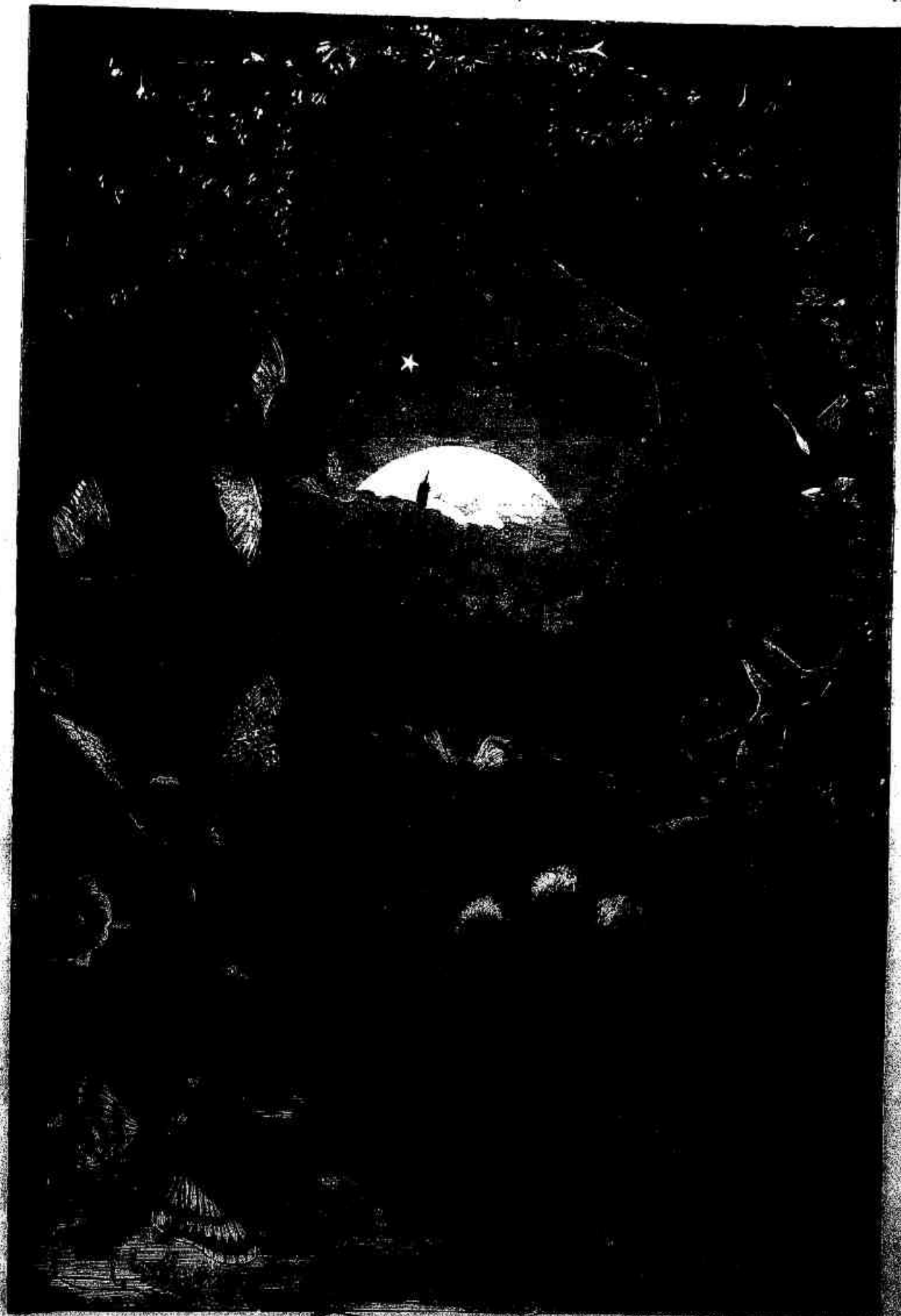
**O Dr. KOCH**  
Cavalleiro da Legião d'Honra.

## O CHOLERA EM FRANÇA



**NA FRONTEIRA FRANCO-ITALIANA**





NOITE DE VERÃO  
(Composição de Vierge e Gobbi)



contido: espoucos são os mortos que lhe dão um posto a porta.

Na primavera e no verão dos campos, poupa a terra e poupa os outros; uma emigração (ou um horror), fozil, que, as desenhos, tem a gente da aldeia que não quer ser enterrado no cemitério! Vão, para outros lugares onde ainda se faça na igreja o depósito das imundáveis em que a morte nos converte! E por lá morrem, e por lá se empestam!

Nesse bocadinho de terra murado, d'um muro tão branco e tão lavado, que nos faz sorrir de hora extrema, será talvez a minha lousa a primeira que quebre a monotonia da herva.

Uma cova sempre aberta espera, paciente, o damorado hospede e o aldeão quando passa olha para dentro, a ver se ella já fechou. O inverno vem e transforma-a n'uma enorme poça suja e espumosa; o verão chega, sorve a água e torna a mostrar aquella bocca informe, desdentada e fria que n'um riso gigante parece dizer imperturbavel: « Esperarei ».

A um canto do cemitério, onde junto passa a levada e onde os pardalitos, chilrendo, veem banhar-se, ha uma cruz preta, pequena, de madeira tosca e farpada, posta para alli, ao acaso.

E preciso quasi afastar as plantas para se ver esse marco indicador do fim da vida.

Nessa cruz ha uma flor dos campos, secca, atada fortemente com um bocado de calabre desfiado.

Que vocabulario profuso amarrado por esse atilho, que expressões tão sentidas estampadas n'essa flor! Quanto mais não dizem essas duas lascas de pau pintado e esses restos fanados de uma flor, do que os monumentos ridiculos dos nossos cemitérios, que nos suffocam com a sua brutal magnificencia e nos afugentam com o seu ruído espectacular! Que mais sincera não é essa pobre flor murcha, do que as corolas imponentes que, symmetricamente, adornam os nossos jazigos, e como não diz mais esse epitaphio mudo, sem palavras, do que as resenhas heroicas e patheticas, com que brindamos os nossos defuntos e os versos que, muitas vezes, um poeta de casa, não se peja de levar á fria e serena critica de um morto!

Quando perguntei na loja de quem era aquella sepultura tão mysteriosa e tão maltratada disseram-me, em tom de mofa, que era da Gata!

O padre José castigando com um olhar severo as comadres da terra tomou-me de parte e accrescentou:

— Um caso bem singular. Eu lho conto: é pequeno.

Passou-me pelo habitio, mostrou-me para o fundo da loja e apezar das trevas n'uma casa escura e malcheirosa que servia de deposito aos generos, o proprietario — um bom e grave sacerdote como nas nossas aldeias ainda se encontra — contou-me a tal historia, por entre o zumbido das moscas que começavam já a procurar poiso nas vellas de cebo penduradas aos molhos nas traves, e o ru-ro dos ratos que afixavam os dentes nos barris de assucar.

A Gata?...!

Foi quando se fez o cemitério.

Entre os muitos que fugiram, sahio da aldeia um velho que vivia d'um escasso rendimento com que ainda assim sustentava uma filha viuva e uma netinha.

Proximo ao fim da vida tomara como um mau presagio aquella construção e quiz com o pouco que lhe restava e a todo o transe poupar-se a si e os seus ao « sacrilegio de ser enterrado fora da vista de Deus ».

Le foram todos tres, amparos mutuos, por esse caminho, e a aldeia viu parti-los cortente, puzo o genro do velho tinha dado que fallar em vida e a familia ficou sempre pouco estimada.

Intrigante e malevol o Gato accusava com satisfação os devedores ou os retardarios das

contribuições do Estado não poupando os proprios amigos. D'ahi e do seu caracter traçoceiro a alcunha que transmitira á mulher e á filha innocente.

Chegados ao primeiro lugar onde a igreja ainda os receberia, ficaram.

No fim de sete mezes, porém, um inverno duro e rispido, como havia annos se não passava, levou-lhes o eixo principal d'aquella triplice e engrenada existencia, matando-lhes a mãe da criancinha que com oito annos ficava sendo toda a familia e o unico arrimo do pobre octogenario.

Doze mezes passaram e o inverno seguinte não foi mais doce.

Um d'aquelles temporaes que desenraiza os carvalhos e engorda as levadas, arrancára parte do tecto de colmo da modesta habitação e, não tendo nem podendo pagar quem lho arranjasse, os desgraçados recebiam sobre a cama uma chuva que entrava em bategas fortes, de alastrar rios e levantar mares.

O velho sentiu-se doente e vendo-se tão desamparado resolveu voltar á aldeia e procurar se, por caridade, algum lhe auxiliava a netinha.

A doença e a morte da filha tinham-lhe levado uma boa parte dos capitais e elle via-se enquiado conhecendo, além de tudo, pezar sobre si o odio que o genro lhe acarretara do povo da terra.

Foi mal recebido.

Todos os mezes, no mesmo dia, subindo cerros, saltando regueiros, o velho e a criança lá iam, aconchegados um ao outro, levarem uma flor e umas lagrimas á sepultura do ente estimado que os abandonára deixando-os sem guia e sem sustento. E lá iam, fracos, sem força, ignorando se morreriam no caminho ou se teriam de mendigar o pão do dia seguinte.

Uma tarde de abril, depois de uma d'essas pergrinações, quando as flores começam a desabrochar e a Primavera a ostentar todo o seu esplendor, o velho sentado n'uma pedra á beira do caminho chamou para junto de si a neta e inclinando-lhe com uma das mãos a cabeça para a luz e amparando-lha com a outra, perguntou:

— Estás doente, minha filha?

— Não, avô.

— Vejo-te tão pallida; nem a minima pinga de sangue parece girar n'essas veias! Terás tu fome?

— Não, avô.

Depois d'esse dia redobrou-se-lhe a tristeza e o seu instincto de bom amigo e a sua pratica de oitenta annos não o tinham enganado.

A criancinha cahiu de cama e quinze dias depois o seu pequenino e enfestado corpo era o primeiro que baixava á terra do novo cemitério d'aldeia.

— Foi um castigo! resmungava o velho.

Elle quiz ainda oppor-se mas a gente da terra e o prior d'então julgaram ver n'isso o dedo do Senhor, e vingar-se assim na criança das offensas que do pão tinham recebido.

E o pobre velho, que tanto tinha fugido do cemitério era a quem elle vinha pedir o seu primeiro morador.

Abatido de dor e aterado de superstição não acompanhou o cadaver da neta senão até á porta da nova morada e d'ahi espreitou então, ansioso e suffocado — como a panthera que vigia o somno dos filhos — os menores movimentos do coveiro.

Quando o arredaram d'aquella lugar era noite!

Volto a casa e desde então quasi não comia nem tinha um momento de repouso.

Um dia achou-se mal e apresentou a morte.

Levantou-se com toda a coragem, vestiu-se o embrulhando todo o resto do seu dinheiro n'um papel em que escreveu: « por alma da minha netinha » sahio de casa, sem quasi poder formar um passo.

— Onde vai, Sr. Thomé, tão velhinho e tão doente como Vm.<sup>o</sup> está?

— Vou cumprir uma promessa.

— Talvez á sepultura da pequena. Deixe-a lá que está com o tratante do paé.

— Isso não, que no cemitério não entro eu, e duas lagrimas lhe saltaram pelas barbas abaixo.

Foi andando, reunindo toda a sua vida passada e quando as suas recordações pararam no momento presente e se lembrou da neta o velho teve um sorriso de desprezo para a justiça dos homens.

Quando deu por si estava precisamente defronte do cemitério. Olhou e entrevio a sepultura da infeliz criancinha.

Então, como se fosse tocado por uma pilha electrica começou a tremer, a tremer, e na physionomia rugada de desgostos desenhou-se-lhe o combate intimo que supportava e em que se lhe iam as entranhas. Depois, enraivecido por não poder arrancar da terra o cadaver querido, levou as mãos ao cabello e abaixando-se, vencido, colheu da estrada um malmequer que, furioso e chorando nervosamente, foi atar com mãos convulsas na misera cruz de madeira.

A sahida do cemitério cahiu exausto e com elle cahia a promessa que fizera de nunca passar aquella porta.

A figura transtornara-se-lhe, os olhos debruçavam-se-lhe das orbitas e uma baba em fio hucilhe as barbas.

Quiz levantar-se; não poud. Arrastando-se, mais morto do que vivo, ferido pelo combate em que jogara toda a sua força, asphyxiado pela doença e sem conhecimento conseguiu, por um resto de instincto, rojar-se até á entrada do lugar proximo e ali erguendo-se energicamente, olhou para o caminho que seguira e rodando sobre si mesmo duas vezes, cahiu para traz desamparadamente.

N'aquella flor dêra toda a sua vida, dêra toda a sua alma!

No dia seguinte o seu corpo era deposto na igreja do lugar, ao lado do cadaver da filha e a herva do cemitério crescendo occultava com a pequenina cruz preta, a unica falta de que o bom velho julgava não ser absolvido no Tribunal Supremo.

O padre José tinha acabado já a sua historia e ainda eu a seguia por meandros interminaveis. Uma vella despegando-se do tecto tirou-me d'aquelle lethargo e no dia seguinte ao lado do malmequer ressequido, brilhava uma outra flor vistosa e garrida.

Castrolim, 1884.

J. MIRANDA.

A ILLUSTRAÇÃO acaba de receber algumas sympathicas adhesões de poetas e prosadores brasileiros que vão honrar as columnas da nossa revista com a sua collaboração.

A publicar proximo: varios sonetos inéditos do distincto poeta Luiz de Lima e um trabalho em prosa de Valentim de Magalhães.

## BIBLIOGRAPHIA

Uma absoluta falta d'espaco, devido sobretudo a circumstancia de que muitas gravuras do nosso jornal em consequencia da sua belleç artistica não permittem composições no verso da pagina — tem-me impedido de publicar regularmente estes artigos onde eu tendia dar aos leitores da *Illustração* uma ideia exacta e rapida de cada obra que fôr recebendo.

Eu tenho um horror profundo a este interminavel « recebemos e agradecemos » de quasi todos os jornaes — está chaga impertinente que as nua das vizes não significa falta de tempo ou de espaco do critico — mas sim: ignorancia, quasi sempre imbecillidade, a ausencia completa d'uma ideia, d'uma opiniao, d'uma phrase, mesmo d'um pobre *Ah!* diante da obra que se lê — e a que ordinariamente também se não lê. E não se trata um crime: não ter! Deade o momento que se tem um jornal, que se possui um jornal para se dizer ao







